

RODA VIVA I

**o fluminense nas pequenas
memórias do coração**

paulo-roberto andel

**VILA
REJO**

2017

RODA VIVA I

**o fluminense nas pequenas
memórias do coração**

paulo-roberto andel

**VILA
REJO**

2017

Copyright © Paulo-Roberto Andel, 2017

Todos os direitos reservados

Coordenação editorial

Paulo-Roberto Andel e Zeh Augusto Catalano

Capa, fotos, projeto gráfico e revisão

Paulo-Roberto Andel e Zeh Augusto Catalano

Vilarejo Metaeditora

www.vilarejometaeditora.com.br

Andel, Paulo-Roberto, 1968

Roda Viva – O Fluminense nas pequenas memórias
do coração

Vilarejo Metaeditora, 2017

ISBN 978-85-919299-2-4

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem prévia autorização

1ª Edição

2017

SOBRE BELCHIOR E MUITO MAIS

No fim de setembro passado, conversava com meu amigo Luiz Alberto, o Luizinho, pelo Whatsapp, algo que fazemos com frequência porque meu querido interlocutor mora a inexactos 2.849 quilômetros da minha casa. Então várias vezes o Fluminense está nestas prosas e atravessa o Brasil com enorme velocidade nestes tempos modernos, de grande tecnologia e pouca empatia. Luiz, além de renomado professor acadêmico é o mentor intelectual de um dos mais impactantes livros já escritos sobre o Fluminense, “Pagar o quê?”, que desvela todas as falácias já ditas a respeito de viradas de mesa e rebaixamentos no futebol brasileiro.

Ok, vamos lá. Dizia o Luizinho que acabara de ter uma experiência sensorial forte, com música, ao fazer a audição do álbum “Alucinação”, de Antonio Carlos Belchior, ao lado de seu filhinho, um bebê com meses de vida. É um dos maiores álbuns musicais brasileiros e levou Belchior à condição de superstar da música brasileira, embora ele mesmo jamais se visse assim e, até pelo contrário, fazia questão de ser cada vez mais *cult*. Mergulhou em suas longas jornadas interiores, deu uma banana para o *mainstream* e a vida burguesa convencional,

passou a ser um mistério até mesmo para seus familiares e, ao morrer em abril deste 2017, já era uma lenda da música popular brasileira.

Claro, o modo como o artista passou a tratar as coisas materiais foi motivo de chacota na imprensa, que na verdade nunca entendeu direito versos como “Carneiros, mesa, trabalho/ Meu corpo que cai do oitavo andar/ E a solidão das pessoas/ Dessas capitais” ou “Sons, palavras, são navalhas/ E eu não posso cantar como convém/ Sem querer ferir ninguém” e aí tudo faz certo sentido. Os que navegam nos mares da obviedade muitas vezes viram Belchior como um excêntrico, um esquisito, sem a menor dimensão a respeito da genialidade do músico cearense.

No meio da conversa, ainda sob a carga emocional que é pensar nas canções de Belchior e seu trabalho, sua trajetória, seu exílio artístico voluntário (?), então lembramos de algo muito legal a respeito do poeta: era um tricolor apaixonadíssimo pelo Fluminense. Às vésperas da primeira partida das semifinais do Campeonato Brasileiro de 1991, contra o Bragantino, Belchior estava no Rio de Janeiro para se apresentar tanto no Teatro João Caetano, na Praça Tiradentes, quando no Un Des Troix, famosa casa noturna do

Leblon, segundo matéria do jornal O Globo. Nela, ainda se dizia que o artista era tão fanático que colecionava *posters* de Castilho, Píndaro e Pinheiro, a mitológica linha de defesa tricolor dos anos 1950, todos publicados pela consagrada revista O Cruzeiro. E que por várias vezes esteve no restaurante Cabral 1500, na esquina da Rua Bolívar com a Avenida Atlântica em Copacabana, pelo prazer de contemplar Carlos Alberto Ferreira Braga, o Braguinha ou João de Barro, o mais importante compositor de marchinhas do Brasil em todos os tempos e também um torcedor do Fluminense, legitimamente sucedido por João Roberto Kelly, mais um coração de três cores apaixonadas.

Pensamos em como teria sido bom encontrar Belchior um dia no Maracanã, bem ao estilo de uma de suas canções mais famosas: apenas um rapaz latino-americano, sem parentes importantes e vindo do interior, quem sabe na velha geral do estádio imortal, para falar de coisas e lembranças do nosso Fluminense, aquele que vivemos tão intensamente. Assim como Belchior, eu e Luizinho estivemos no jogo contra o Bragantino e sofremos com a derrota por 1 a 0 no Maracanã lotado, gol do nosso ex-jogador Franklin no final da partida, o que

custou a nossa eliminação do campeonato (houve o jogo de volta em Bragança Paulista, mas graças ao inacreditável regulamento da competição, ela só serviu para se cumprir tabela). Eram tempos difíceis, o nosso time estava sem conquistar títulos desde 1985 e iria sofrer até o dia do maior gol de todos os tempos, o de barriga, em 1995, mas a verdade é que nos divertíamos muito vendo o Fluminense. Havia algo de família, de união, de irmandade que atraía os tricolores para a arquibancada.

Se a poesia que cercava o clube e a torcida inspirou a genialidade de Belchior, nunca saberemos ao certo, mas que é uma honra enorme tê-lo como uma das nossas bandeiras, um dos nossos escudos, é fato incontestável. Ele foi uma força da natureza, a ponto de ainda ser muito ouvido e admirado mesmo quando já tinha deixado shows e álbuns para trás. Há algo intensamente Fluminense na trajetória de Belchior: o drama, a surpresa, a poesia, a dificuldade e a afirmação.

Um dia, eu e Luizinho iremos novamente a vários jogos juntos e vamos nos lembrar de tudo isso. Por enquanto, fica a emoção gravada numa conversa honesta de Whatsapp: Belchior, Braguinha e João Roberto Kelly, uau!

SEU ARISMAR

Em algum começo de noite do meio do ano de 2003, provavelmente no mês de junho, eu caminhava pelas ruas da Saara até chegar à loja New Disc, que vendia CDs – naquele tempo este era um mercado vigoroso. Eu era um fanático colecionador e, além do mais, adorava caminhar pelas ruas da região de franco comércio do Centro do Rio de Janeiro, local que conheço desde que era pequenininho e puxado pelo braço por meu pai.

Na Saara, ainda hoje uma potência comercial embora a cidade esteja devastada pela crise econômica, respira-se futebol. Bolas, toalhas, camisas oficiais e paralelas, bandeiras, escudo, jogo de botão, mesinha de futebol de pregos, o velho esporte bretão está espalhado pelas veias de asfalto e pedra, com o ir e vir das gentes. Claro, o Fluminense é uma figura constante: em vários momentos, vê-se uma vitrine ou o alto de uma loja e lá está o magnânimo escudo pendurado, estampado ou de outra forma. Eu gostava muito de ver de perto aquilo tudo, que me remete a um Rio de Janeiro cada vez mais raro.

Bem no momento seguinte ao dos sinos da igreja, o locutor da Rádio Saara, transmitida em caixas de som nas ruas da região, me despertou a atenção ao entrevistar um senhor que fazia um único pedido: uma vaga de emprego. Pouco tempo antes eu havia perdido minha tia Ceiça e num súbito aquilo me comoveu. Parei perto do McDonald's que ficava na esquina da Buenos Aires com Avenida Passos e fiquei escutando a história. O senhor era cadeirante, sem familiares, precisava de ajuda e logo depois do programa, desceria à rua. Esperei o término da locução e me dirigi à porta do prédio onde funcionava a rádio.

Poucos instantes depois, conheci Seu Arismar na rua. Ele teve vários empregos até que a diabetes o vitimou, provocou a amputação das duas pernas e o colocou em difícil situação. Morava na Baixada Fluminense, bem distante, mas bravamente enfrentava todos os percalços que um cadeirante ainda sofre numa cidade sem as melhores condições de acessibilidade para chegar até o Centro. Conversamos, eu não tinha um emprego que lhe pudesse oferecer, mas deixei meu telefone, alguma pequena grana e pensei o que ia dar para fazer. A seguir, falei com alguns amigos e nos cotizamos para montar uma barraca pala ele,

onde pudesse trabalhar perto de casa, além de deixar um pequeno capital de giro para os meses seguintes. Durante algum tempo deu certo, mas depois a crise, sempre ela, estragou tudo.

Enquanto pude, fiz pequenas doações ao Seu Arismar, depositadas em sua caderneta de poupança, enquanto ele tentava outros trabalhos. Inicialmente ele bravamente atravessava a região metropolitana do Rio para vir buscar os valores, mas isso não fazia o menor sentido e, para poupá-lo, passamos a usar as transações bancárias. E assim tem sido até hoje: ele me liga a cada dois meses, daí trocamos informações sobre como cada um está, falamos um pouco das nossas dificuldades, cada um a seu modo, ou mesmo amenidades. Viramos amigos virtuais, telefônicos e isso já vai para quinze anos.

De tudo o que falamos, um assunto é sempre mencionado em caráter permanente: o nosso eterno Fluminense. Seu Arismar é um tricolor apaixonado, já foi muitas vezes ao Maracanã, a vários outros da cidade e, nos últimos tempos, marcou ponto em Edson Passos, onde o Flu andou realizando várias partidas como mandante. Se estimarmos que temos falado uma vez a cada dois meses, são seis por ano e mais de oitenta desde que nos conhecemos. Em todas elas sempre aconteceu

de falar sobre o momento atual do Fluminense.

Desde aquele dia em que nos vimos pela primeira vez até hoje muitas águas já rolaram: eram tempos de Romário, mas também Josafá; hoje estamos com a faca no pescoço no Brasileiro e o sonho da Sul-Americana. Quem se lembra de Zada e Lopes? E aquele quarteto *hardcore* formado por Edmundo, Romário, Ramon e Roger? O vice da Copa do Brasil de 2005, a conquista da taça finalmente em 2007, os dramas das lutas apoteóticas contra o rebaixamento, a tristeza pela Libertadores de 2008, as fantásticas histórias de 2009, 2010 e 2012, a tristeza de 2013, o ocaso de 2014 e 2015, a Primeira Liga de 2016 e a nova batalha de agora. Provavelmente falamos de todos estes temas em nossas resenhas.

Numa ocasião, Seu Arismar me deu de presente um boné bem simples que ele tinha, mas com um souvenir de ouro: um autógrafa do Renato Gaúcho. Anos depois, tive a sorte de ser o primeiro escritor do país a publicar sobre a história do campeonato do gol de barriga – e duas vezes! Só por isso, essa amizade já estaria mais do que consagrada. Ela continua através dos tempos e, toda vez que o telefone toca e ele está do outro lado, eu me sinto abraçando um velho irmão num

12

estádio que já não existe, com um volume de pó de arroz e bandeiras que já não existe, com gente por todos os lados e ninguém se sentido superior a ninguém por causa de bobagens, ou seja, a essência do Fluminense vivenciada pela ampla celebração coletiva, pela reflexão e amizade.

Seu Arismar regularmente me faz sonhar com um Fluminense de antigamente. Formamos a menor torcida organizada do mundo: a Flu Telefone. E ele vale por uma arquibancada inteira.

TRICOLOR OU ALVINEGRO?

Em 1982 eu conheci o Luizinho na escola, Luiz Manuel na certidão de nascimento. Logo ficamos amigos, pois ele morava bem perto da minha casa, na Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana – eu morava na Rua Siqueira Campos.

Ele era magro, magriço, alourado e alguns anos mais velho do que eu, embora estudássemos na mesma série. Um tremendo jogador de bola no futebol de areia e, se a memória não tiver me traído, tinha um irmão chamado Bill. Nunca estudamos uma lição sequer juntos, o nosso negócio era ver gol.

Mal começamos a conversar e logo estávamos vendo os todos os jogos do Fluminense no Maracanã. Naquele tempo não havia a moleza de hoje, com internet, TV a cabo, N transmissões. Ou você estava em todas, ou tinha que ficar muito ligado no Globo Esporte e nos Gols do Fantástico: se perdesse, babau.

Era batata: quarta, sábado ou domingo, ou nos três, ele batia lá na porta de casa, pegávamos ou 434 ou 435 e atravessávamos Zona Sul e Centro até chegar ao palácio do futebol. Um tempo de vacas

magras para o Fluminense, que foi até bem no Campeonato Brasileiro, mas penou no Carioca. Não importava: éramos 100% assíduos. Luizinho era crítico demais, até por ser bom de bola, e fazia questão de dizer que queria ver o Fluminense melhor. E resmungava divertidamente que não aceitava ver seu pai como sócio do Flamengo, até metido com coisas de diretoria e conselho, não me lembro exatamente o certo, mas era por esse caminho.

Quando chegou o final do ano de 1982, houve a infeliz e obrigatória mudança de escola, de modo que simplesmente perdemos contato: ele sumiu. O mais incrível é que, como éramos uma turma que se via na rua, na escola, eu não tinha o telefone do Luizinho, nem o endereço. Ele simplesmente desapareceu: nunca mais me procurou, nunca mais o vi na rua, nem na praia e nem em nenhum outro lugar, inclusive o Maracanã, onde ele era uma presença permanente. Desapareceu e ninguém sabia me falar de seu paradeiro.

Exatos vinte e cinco anos depois, houve um encontro de ex-alunos da escola onde eu e Luizinho estudávamos, com direito a festa, churrasco, gente boa, esquisita, visita às salas de aula – eram pequenininhas, muito menores do que eu imaginava à época! – e...

nada do Luizinho. Praticamente ninguém se lembrava dele, exceto um colega comum nosso que se surpreendeu quando narrei para ele nossas idas ao Maracanã – o sujeito jurava de pés juntos que o Luizinho era 100% botafoguense, de forma tão veemente que eu não consegui entender nada. Afinal, se era mesmo o caso, o que o jovem alvinegro vivia fazendo no Maracanã tomando banho de pó de arroz? Ok, naquele tempo era até comum para os torcedores de um time assistirem jogos do outro, mas o Luizinho foi comigo a pelo menos umas vinte partidas do Flu, gritou gol, comemorou, xingou os erros, o cacete. Não conseguimos chegar a nenhuma conclusão definitiva sobre o time do menino magriço que vivia perto da Fôrça Flu.

Depois da festa, já se passaram outros dez anos, o Fluminense ultrapassou o céu e o inferno, aí está para desafiar todas as definições e eu não tenho uma única informação sequer sobre o paradeiro do Luizinho. Nada. Nada. A única coisa que sei é que, por quase um ano, tive nele um correto irmão que me acompanhava sempre nos momentos em que eu era um garoto mais feliz: um jovem tricolor no Maracanã.

Se ele era tricolor, e tudo parecia apontar para isso, era mais um dos nossos

admiráveis maníacos que até hoje perseguem o Flu onde ele estiver.

Se o seu coração batia mais forte por General Severiano, uma coisa é certa: nunca vi um suposto adversário respeitar tanto as cores, as coisas e a liturgia tricolor num campo de futebol.

O ÚLTIMO GOL DE ÉZIO E UMA TRAGÉDIA NO MARACANÃ

Foi num sábado à tarde em 1995, com pouco público presente ao Maracanã. Se vencesse, o Fluminense assumiria a liderança do octogonal decisivo do Campeonato Carioca daquele ano.

Quando cheguei ao estádio, numa tarde fria, eu estava com uma jaqueta jeans, cabelo à máquina e barba. No meu entendimento, era o perfil ideal para ser revistado no alto da rampa de acesso ao Maraca, já que a PM não perdoava. Subi o aclave praticamente sozinho e já me preparava para a revista quando, surpreendentemente, passei sem que nenhum dos dez policiais me parasse. Tempos depois, um amigo me explicou o motivo da passagem: “É claro que eles pensaram que você era policial civil!”.

Encontrei alguns amigos, o Raul Sussekind, o Alvaro Doria. A partida teve um primeiro tempo muito bom do Flu, tido por muitos como uma das melhores atuações na fase decisiva do Carioca (no Fla-Flu do gol de barriga, o Tricolor ainda jogaria muito mais), e desceu para o vestiário vencendo por 1 a 0, com um gol marcado pelo mais elegante, simpático e humilde de todos os artilheiros

tricolores da história, Êzio, depois de receber um cruzamento do craque Renato Gaúcho. Na etapa final, o Flu seguraria o marcador e, ao término da partida, o camisa 9 do Fluminense faria até piada de sua situação, já que andava em má fase: “Nem me lembrava mais como se comemorava”.

Foi o último gol de Êzio com a camisa do Fluminense. Dois meses depois, ao entrar em campo no maior Fla-Flu de todos os tempos (acreditem, como reserva em um momento de má fase) e dar o primeiro toque na bola para iniciar o gol de barriga, ele estaria em campo pela última vez com a camisa do nosso amor, que ele tanto honrou fazendo gols e gols numa época em que tínhamos times mais modestos, mas uma garra infinita e uma torcida que era um exemplo de irmandade. De certa forma, Êzio era um escudo do Fluminense no que ele tem de melhor: humildade, simpatia, ponderação, educação. Sempre cumpriu o que lhe foi instruído, nunca jogou contra o grupo, era o mais atencioso no atendimento a todos os tricolores e merecia ter vivido muito e muito mais, até para receber todas as homenagens que o clube certamente lhe dedicaria. O inesquecível locutor Januário de Oliveira imortalizou o artilheiro com sua narração épica: “Sinistro, muito sinistro o Super Êzio!”.

Naquele sábado à tarde, a torcida do Fluminense deixou o estádio tranquilamente, quase silenciosa, sem sequer desconfiar de que era a última vez que veria um gol do grande artilheiro, de que ali estava sendo dado um grande passo para um título histórico do clube e de que, durante aquele jogo, um fato quase inacreditável aconteceu nas cadeiras azuis: uma bala perdida de fuzil, proveniente do Morro da Mangueira, passou por cima da cobertura de concreto do Maracanã, entrou na descendente e matou um torcedor tricolor que acompanhava o jogo, chamado Carlos. Pouco se falou desta verdadeira tragédia.

No Jornal do Brasil de 01 de junho de 1995, em sua coluna, o jornalista Sérgio Noronha escreveu: “O tiro que matou o torcedor sábado no Maracanã também vai virar obra de ficção”.

Na Folha de São Paulo, escreveu o jornalista Luiz Caversan em 30 de maio de 1995, transcrevendo o desabafo de Denise, esposa de Carlos:

"Maldito Maracanã! Eu falei para ele não ir..."

O desabafo de Denise, a mulher, revelava toda a impotência de quem tivera uma premonição e não fora levada a sério. Ela

disse para o marido, Carlos, para ele não ir ao Maracanã ver o Flu jogar, que era perigoso, briga de torcedor, assalto, arrastão, sei lá.

Mas ele foi e não acreditou quando sentiu o impacto no abdômen. "Fui baleado, não venho mais ao Maracanã", disse ele, o homem baleado no maior estádio do mundo sábado passado.

O tiro de fuzil chegou ao Maracanã sabe-se lá de onde, talvez de uma das favelas próximas, não tão próximas, mas esses fuzis modernos mandam suas balas mortais para longe. Dessa vez matou Carlos, marido de Denise, que não devia ter ido ao Maracanã.

A TEMPESTADE DA VITÓRIA

Quinta-feira, dia 09 de dezembro de 1999. Começava a disputa do quadrangular final da Série C do Campeonato Brasileiro. No Maracanã, o Fluminense estrearia contra o Náutico, e não deixa de ser curioso lembrar que aquela partida seria apitada por Edilson Pereira de Carvalho, e no horário agradável das oito e meia da noite.

Ficava de fora um dos principais aliados do Fluminense desde o distante ano de 1950: a arquibancada do Maracanã. Com o estádio sofrendo a enésima reforma para receber o Mundial de Clubes da FIFA 2000, o único setor disponível com ingressos para a partida era a boa e velha geral.

Nosso treinador, Carlos Alberto Parreira, dizia antes do confronto:

“Nós vamos jogar em 14 dias o trabalho de um ano.”

“Temos que correr o tempo todo para levar vantagem no final.”

“É bom aqui que o astral está positivo. Temos que ser otimistas.”

Vivendo a mais difícil temporada de toda a sua história, ridicularizado 24 horas por dia pelos meios de comunicação e 95% da imprensa especializada, ao Fluminense só restava ganhar a competição com dignidade. Qualquer outro resultado que não fosse o título seria tratado como galhofa.

Nosso time foi escalado com Diogo, Flávio, Emerson, Alexandre Lopes e Paulo César; Marcão, Válber, Yan e Arinélson; Robson e Roni. O Náutico veio com Adir, Carlinhos, Biluca, Luciano e Rogério; Celinho, Veloso, Pedrinho e Luís Carlos; Rômulo e Célio Jacaré. Seu treinador, Arthur Neto.

A atuação não foi das melhores e o momento nem exigia isso, mas o principal era a vitória. O Flu venceu o jogo por 2 a 1. Roni marcou no primeiro tempo, recebendo passe açucarado de Válber, o melhor jogador tricolor em campo. Na segunda etapa o Náutico assustou e empatou, através do perigoso atacante Célio Jacaré, aos 13 minutos. Yan marcou o segundo gol tricolor cobrando pênalti aos 24 e ficou nisso. Quero dizer, não exatamente.

Ao final do jogo, 11.582 torcedores presentes, dos quais 99,99% eram tricolores, estavam mais do que extasiados, praticamente em transe. Não pelo futebol

apresentado, mas pelo resultado obtido e pelas circunstâncias em que torceram pela vitória do Fluminense, que foi uma das mais importantes da história do clube.

Devido à limitação dos ingressos disponíveis, todos de geral, o querido e mais popular setor do estádio recebeu daquela vez muitos personagens que jamais haviam pisado ali. Ao lado de torcedores pouco abonados, mas sempre frequentes aos jogos do clube, geralmente vindos dos trens que cruzam a Região Metropolitana do Rio ou que chegam ao extremo da Zona Oeste, estavam milhares de outros tricolores com ternos de garbo, pastas, mochilas e roupas de grife. Nunca o Maracanã foi tão integrado entre pobres e ricos quanto naquele dia: todos em pé, apertados atrás do gol, torcendo loucamente pelo Fluzão. E nunca voltou a sê-lo.

Como o perfeito amálgama para juntar os tricolores de todas as rendas, as nossas torcidas organizadas com faixas, bandeiras e muitos gritos de apoio ao time. O cenário era diferente e especial.

Em certo momento da partida, antes do gol da vitória, o bálsamo que juntou de vez todos os tricolores ricos e pobres veio dos céus: uma tempestade que varreu o Maracanã

e inundou as roupas de onze mil admiráveis maníacos. Muitos precisaram tirar seus pares de óculos para tentar enxergar alguma coisa no campo – as lentes pareciam cachoeiras. Outros torciam seus paletôs encharcados enquanto espiavam um ataque tricolor ou uma disputa difícil na zaga. Os mais humildes, acostumados às intempéries locais, dançavam e riam ao pisar em poças entre os raros degraus da geral. Quando Yan marcou o segundo gol, peões e patrões abraçaram-se como nunca, como se ali existisse o verdadeiro Brasil que jamais foi localizado, o da igualdade entre todos. Os suores de sabonetes baratos foram misturados aos de perfumes importados e, numa das noites mais dramáticas da história do Fluminense, seus torcedores nunca foram tão tricolores – fidalgos, humanos, irmãos.

Pouco tempo depois, o time das Laranjeiras estaria de volta ao lugar que sempre lhe pertenceu, disputando títulos e ganhando respeito internacional, mas quem esteve nesta partida contra o Náutico sabe o que é a essência do Fluminense em todos os aspectos, mas principalmente aquele contido na letra impecável que Lamartine Babo compôs para o nosso hino, onde se encontra a palavra “amor”.

Sim, amor ao próximo, ao pobre, ao rico, ao camelô, ao executivo, ao morador do subúrbio e da Vieira Souto; amor a cada tricolor que possa surgir pelo caminho.

Não saímos da terceira divisão apenas jogando bola, mas fazendo dos nossos corações um só.

O VENDEDOR DE PICOLÉ

Nestes quase 40 anos de arquibancada, vi praticamente todas as decisões e grandes jogos do Fluminense ao vivo. No entanto, tenho um carinho especial justamente pelas partidas que não tinham lá grande importância e, por isso mesmo, sujeitas a públicos mais modestos. Não sei contar quantos jogos vi com pouca gente, mas fui a muitos, em todas as épocas desde que me entendo por gente.

Numa partida qualquer em torno de 2003 ou 2004, provavelmente contra um adversário de pequeno investimento e, por isso mesmo, também provavelmente pelo Campeonato Carioca, fui para o jogo com meu irmão e resolvemos ficar nas cadeiras azuis, atrás do gol à esquerda da antiga Tribuna de Honra. Não fazia calor, mas também não era o caso de frio, temperatura amena. Bom, o jogo realmente tinha muito pouco apelo, já que praticamente só nós dois estávamos naquele setor do estádio. Vinte ou trinta cadeiras à nossa direita, duas garotas e mais nada.

Do nada, surgiu um vendedor de picolés, um senhor de idade, talvez com sessenta anos ou um pouco mesmo,

carregando aquele isopor trambolhão. Meu irmão era um garoto ainda, louco por doces, pediu algum sorvete e, para acompanhar, também pedi. Já tínhamos pego as duas peças quando fui lhe pagar e me assustei ao ver os recursos da minha carteira: tinha duas notas de cinquenta reais, muito dinheiro para um troco de compras de quatro ou cinco reais. Pedi desculpas pelo dinheiro inteiro e o sorveteiro não tinha mesmo troco, então lhe sugeri que levasse a nota e que me trouxesse no decorrer do jogo, mas ele se recusou terminantemente a fazê-lo:

“O senhor pode levar. Nós vamos ficar aqui e lhe esperamos, depois e só nos trazer. Lá do outro lado tem mais gente e certamente haverá dinheiro trocado.”

“De forma alguma. O senhor pode ficar aqui tranquilo. O jogo começa daqui a vinte minutos. Quando der o intervalo, eu venho aqui e o senhor paga, mas não precisa de jeito nenhum me dar a nota de cinquenta reais, por favor.”

“É que eu sei que o senhor está trabalhando e não é justo deixá-lo sem o pagamento. Eu sempre trago dinheiro trocado para o Maracanã, mas desta vez eu me esqueci solenemente.”

“Não se preocupe. Eu já volto.”

O jogo começou, realmente não me lembro do adversário, mas foi um primeiro tempo chocho, zero a zero, daqueles que meu amigo Raul Sussekind adorava dizer “Mas que joguinho gostosooooo!”, bordão do experiente locutor Maurício Menezes, homônimo do também radialista e craque da peça de teatro “Plantão de Notícias”, hoje advogado em Juiz de Fora. E quase ninguém atrás do gol, pouca gente mesmo indo e vindo – no final deve ter sido aquela partida de cinco mil pagantes, se muito.

Eu e o meu irmão conversando, eis que reaparece o nosso simpático fornecedor de delícias geladas, já com boa parte da pesada caixa esvaziada. Se o Flu não vai bem, a receita é encarar um picolé...

“Estou de volta, meus amigos, consegui o troco direitinho, tá?”

“Eu que te agradeço a gentileza, aqui estão os cinquenta.”

Troco devidamente dado, clima de amabilidade, aquela simpatia que só o Maracanã de antigamente tinha e o desfecho absolutamente tricolor:

“Meus amigos, eu vou lhes dizer: trabalho aqui há trinta e dois anos vencendo sorvete. Jamais eu tive um problema de troco ou de calote com torcedores do Fluminense, jamais! Estão aí vocês que não me deixam mentir: se fosse noutra situação, poderiam trocar de lugar ou se desvencilhar de mim, mas estão nos mesmos lugares. Eu fiquei trabalhando por uma hora do outro lado, voltei aqui e vim receber o dinheiro certinho dos picolés. Por isso é que eu não precisava levar a nota de cinquenta do senhor: tricolor é diferente de todo mundo. Eu tinha certeza de que vocês estariam aqui. Torço pelo meu Fogão, mas para trabalhar a torcida do Fluminense é a melhor do mundo. Muito obrigado e fiquem com Deus.”

Eu não me lembro de como foi o jogo, do resultado, não tenho mais meu irmão por perto como queria, não tenho mais meu Maracanã querido, talvez não tenha ficado quase nada do que foi um dia. Mas as palavras daquele senhor, daquele humilde e correto vendedor, daquele trabalhador que dignifica seu ofício, continuam por aqui. Não sei se ele continua a vender, mas gostaria de revê-lo para lhe dar um abraço.

SOLIDÃO DO LADO DE FORA DO MARACA

Eu e Marina pegamos o táxi para a estreia do Fluminense no Maracanã pelo Brasileirão 2015 diante do Joinville, razoavelmente em cima da hora, mas também perto de nossa casa. Cinco, dez minutos e ultrapassamos a incrível barreira de ferros e funcionários para passar na mísera roleta de acesso, subir a rampa e sentarmos já no ritmo do jogo.

O último gesto antes de ocupar o belo assento azul atrás do gol, que agora chamam de Sul, foi colocar a mão no bolso para pegar o smartphone e tirar belas fotos do gramado, dos arredores, da atmosfera cenográfica tricolor, tudo para publicar nas redes antissociais e prestigiar os que não puderam comparecer pelos mais variados motivos. Mas então... que telefone?

O bicho provavelmente tinha caído no banco de trás do carro em que viemos. E tome Marina ligando de seu celular para o meu, esperando que o motorista ou algum passageiro tivesse encontrado o aparelho e nos respondesse. Dez, vinte, trinta, quarenta minutos e nada, nada. Esperávamos uma improvável ligação enquanto o Flu fazia uma partidinha chocha contra o time catarinense,

este feliz da vida por voltar à primeira divisão depois de trezentos anos.

Quarenta minutos de jogo. Quarenta e cinco. Seis. Sete. Termina o primeiro tempo num zero a zero. Toca o telefone de Marina, era mesmo o motorista: depois de duas corridas, tinha ouvido o aparelho no carro em Madureira e com muita presteza se ofereceu para trazê-lo, cobrando apenas a corrida. Chegaria em vinte minutos na chamada entrada B do Maracanã, de modo que teria que descer e sair do estádio para encontrá-lo. Ainda vi uns dois ataques no segundo tempo e parti para a missão resgate. Marina ficou com nossos amigos na arquibancada e combinamos de nos encontrar lá embaixo na saída.

Cogitei explicar a situação para os profissionais que cuidavam do portão de saída do Maracanã, mas simplesmente desisti, por mais de um motivo. Em pouquíssimo tempo o taxista chegou, paguei-lhe o deslocamento, agradei imensamente, peguei o telefone de volta e... vi que me restava então aguardar 35 minutos do lado de fora, torcendo pelo Fluminense sem TV ou rádio.

Resolvi ignorar a internet e experimentar o que nunca tinha feito antes:

sentir o Flu pelos urros da torcida, enquanto o lado de fora do Maracanã era um autêntico deserto, às vezes cortado por um esforçado catador de latinhas, ou um vendedor de bebidas empurrando sua carroça com isopores e bebidas.

Nenhum policial, nenhum bandido, nenhum transeunte. Até a turma da saída do Maracanã num silêncio fúnebre. Talvez estivessem praticando o revigorante esporte de secar o adversário. Talvez nem gostassem de futebol, mas não podiam nem conversar uns com os outros? Hum, talvez os olhares estivessem fixados... nas telas dos smartphones.

Vinte, trinta, quarenta minutos. Urros de maior ou menor intensidade, gritos, xingamentos, suspiros, dava para sentir direitinho toda a angústia do torcedor na arquibancada, estando do lado de fora. A turma da saída abriu o portão e começaram a vir cinco, dez, trinta tricolores. Era a representação visual de um empate sem graça e sem gols.

De repente, um urrão intenso, progressivo e libertador. Gol! GOOOOOOL! Tricolores da rampa pulando e se abraçando, o Maracanã vazando som de glória e vitória.

Era o gol, 1 a 0 Fluminense, marcado pelo efêmero meio-campista Vinícius.

O deserto da rua aos poucos virou um mar de abraços e sorrisos. Um carnaval de gentes e criação dos melhores afetos. Pela primeira vez na vida, eu não vi nem ouvi o Fluminense num campo, mas o senti e digo que, apesar dos percalços, foi uma das grandes experiências da minha vida de torcedor.

Alguns minutos depois, os amigos desceram felizes da vida. Trocamos nossas felicitações e ali estava uma bela noite de sábado. Já no táxi da volta, eu e Marina ríamos daquilo tudo. Era o Fluminense deixando para trás todo e qualquer incômodo, mais um belo sábado à frente pelo caminho.

O catador de latinhas e o vendedor de bebidas foram ótimos presságios, assim percebi.

SEU PINHEIRO

Em 2010, o garboso Tijuca Tênis Clube, uma das referências da sociedade carioca, promoveu uma série de debates sobre o futebol carioca, com a presença de próceres do jornalismo esportivo, tais como o apresentador e radialista Edílson Silva, o decano Iata Anderson, o saudoso Jorge Nunes e outros.

À época, eu trabalhava as entrevistas para um livro com depoimentos de celebridades tricolores – ainda inédito, mas que há de ser publicado um dia, eu juro. Um dos entrevistados - e justamente vizinho do clube tijucano - seria Seu Pinheiro, zagueiro campeão mundial em 1952 pelo Fluminense, com uma história riquíssima no clube, e posteriormente treinador, tendo revelado diversos craques para as Laranjeiras. Combinamos pelo telefone com o eterno defensor do Flu e marcamos justamente num dia em que ele também participaria como palestrante.

Tudo certo, então cheguei com meus amigos Raul Sussekind e Alvaro Doria, coautores da obra, adentramos o TTC e ficamos à espera de Seu Pinheiro. Pouco tempo depois ele apareceu no corredor.

Embora todos nós conhecêssemos Pinheiro de longa data mediante distância regulamentar, era a primeira vez que conversariamos por um longo tempo com um dos maiores jogadores da história do Fluminense.

De longe, avistamos o velho craque. Vinha em passos mais lentos, cuidadosos, naturais de um senhor de idade perto dos oitenta anos. No entanto, o porte imperial estava intacto: elegante, gigantesco, logo um de nós cochichou algo como “Ser marcado por ele devia ser uma barra pesada, hein?”.

Logo nos abraçamos e começamos uma profunda conversa tricolor, ouvindo o eterno ídolo, passando por suas inúmeras alegrias no futebol e na vida pessoal, mas também tristezas como a perda então recente de sua esposa, e também o conforto que sentia ao ser amparado pelo filho na Tijuca, bem perto do clube do qual praticamente não saía, tudo registrado não apenas pelo olhar de jornalistas, mas de fãs mesmo.

O grande lance daquela noite memorável acabou ficando por conta de um momento de muitos risos. Em certo momento, Seu Pinheiro lembrou-se do tempo em que era cobrador de penalidades máximas do Fluminense e em cima do lance, inspirado

pelo maior galhofeiro do Brasil – Milton Neves
- disparei a pérola provocativa:

“É verdade que o senhor não gostava de bater pênaltis porque o tiro saía fraquinho, pererecando?”

Apreensivo: assim reagiu o decano tricolor:

“Não, meu filho, de forma nenhuma, pelo amor de Deus. Quem foi que te disse uma coisa dessas? Não é possível, não é verdade!”

Disparamos nossas gargalhadas e logo o mestre percebeu que se tratava de uma brincadeira, rindo muito junto, já refeito do susto.

Relatos de vários torcedores do Flu que acompanharam os anos 1950 e 1960 davam conta de que era preciso ser muito rápido para fotografar um gol de pênalti de Seu Pinheiro: a bomba sacudia a rede e muitas vezes saía do gol, tamanha a força do chute do zagueiro.

Os goleiros geralmente nem viam por onde a bola havia passado.

ROBERTINHO, DO BOTÃO AO JOHREI

Meu primeiro craque botão de galalite. Azul de madre pérola em cima e amarelo em baixo, nada de cores do Fluminense. Eu o troquei com um amigo, vizinho de prédio que também jogava botão, chamado Mário. Selamos a negociação no quinto andar, onde ele morava.

Cedi os passes de outros atletas cujos nomes não me lembro agora. Batizei a contratação de Robertinho porque ele era a nossa esperança vinda dos juvenis do Fluminense, onde jogava como ponta direita. Acho que foi por isso. Eu tinha dez anos de idade.

No profissional, com a chegada do experiente *craçaço* Cláudio Adão, Robertinho passou para a ponta direita, onde infernizou defesas com sua mistura de habilidade e velocidade, sendo um dos expoentes do maravilhoso time tricolor campeão carioca de 1980 e chegando à Seleção Brasileira. Sua fama de driblador era tamanha que pode ter inspirado Jô Soares a criar o personagem Zé da Galera, que ligava de um telefone público para o treinador da própria Seleção, Telê Santana, com um bordão lembrando até os dias atuais: “Bota ponta, Telê!”.

Depois, Robertinho correu o mundo. Jogou no rival da Gávea, atuou pelo Botafogo, Internacional, Palmeiras, Atlético Mineiro e mais *trocentos* times, sendo inclusive campeão brasileiro de 1987 pelo Sport. Anos mais tarde, ganhou o Carioca de 2002 como treinador do Fluminense, entrando no seletíssimo rol de ex-jogadores do clube que foram campeões no campo e posteriormente dirigindo a equipe.

Encontro meu ídolo de infância quase quarenta anos depois daquela troca de passes de atletas do botão no quinto andar, numa situação inesperada e nem das mais confortáveis. Sereno, tranquilo, aparentando bem menos do que os seus 57 anos, Robertinho era um dos presentes ao velório da mãe de um amigo meu, no Memorial do Carmo. Falante, ele logo começou a se lembrar dos tempos em que levava os laterais à loucura, enquanto eu e meus camaradas Gonzalez e Tiba ouvíamos atentamente a narrativa do craque, também me lembrando daquele botãozinho que guardo até hoje, pensei que ele nem era baixinho como eu pensava, ou como parecia para um garoto que via um de seus heróis no campo, de longe, na arquibancada.

Ok, mas qual era a ligação de Robertinho com a senhora falecida?

Não parecia ser nada relativo ao Flu. Na verdade, nem era. O caso era tão somente de algo que anda faltando pelos corações e mentes Brasil afora, conhecido como *generosidade*.

Durante mais de um ano de doença da mãe do meu amigo, Robertinho era um voluntário a lhe ministrar o *Johrei*, que é um tipo de oração feita através da imposição de mãos, vista pelos messiânicos como a comunicação da luz divina para o aprimoramento e elevação espiritual e material do ser humano. O Johrei visa a eliminação dos pecados presentes no espírito, maus pensamentos, palavras e ações, buscando a purificação e obter progressivamente mais saúde, prosperidade e paz. Depois de muito sucesso nos gramados e à beira deles mundo afora, o Robertinho que ali se revelava era outro, ainda maior do que a lembrança do ponta-direita que entortava defesas.

Quando nos despedimos no Memorial do Carmo, nosso aperto de mãos valeu muito mais do que qualquer gol na mesa de botão ou mesmo um grande título do Fluzão. Era a admiração por um homem de bem que estava – e está – a ajudar o próximo, sem camisa nem bandeira, mas com um gesto de fé.

Espiando a lista de aniversariantes do meu Facebook dia desses, surge o nome de Valdinei Cunha. Deixo um abraço de parabéns e imediatamente sou replicado: “Muito obrigado, meu amigo!”. Nunca nos encontramos pessoalmente, mas ele me deixou grandes lembranças de um daqueles momentos difíceis do Fluminense.

Dia 11 de junho de 1993, sexta-feira, e o Jornal do Brasil descreve a desgraça tricolor do dia anterior. Na primeira partida das finais do Campeonato Carioca daquele ano, o Vasco vencera o Fluminense por 2 a 0, diante de quase 50 mil pagantes. O time da Colina vibrou com o herói da partida, o jovem atacante Valdir (futuramente “Bigode”), 20 anos de idade, autor dos dois gols que deixaram o clube de São Januário a um empate do bicampeonato. Pelo lado do Fluminense, uma tarde trágica do goleiro Ricardo Pinto, que havia voltado ao clube depois de uma passagem pelo paraguaio Cerro Porteño em 1992, a pedido do treinador Edinho: o arqueiro tricolor levava dois frangos, um deles histórico, levando a torcida à loucura e nunca mais vestiria a camisa do Fluminense em campo. No mesmo JB, o testemunho da debacle estava resumido na

avaliação do goleiro: “Suas falhas escreveram a história do jogo. Nota zero”. O último ato de Ricardo Pinto esteve longe da altura de sua jornada no clube, que não incluiu títulos, mas grandes atuações e alguns dos melhores números entre os goleiros que já passaram por Laranjeiras, tomando por base os que fizeram mais de 100 partidas pelo clube – RP atuou pelo Fluminense em 232 ocasiões, sendo 225 como titular.

Dia 14 de junho de 1993, segunda-feira, manchete de jornal. O time do Fluminense conseguiu derrotar o favorito Vasco por 2 a 1, com gols de Vágner e Super Ézio, diante de mais de 56 mil pagantes, adiando a decisão para a quarta-feira seguinte, ainda com os vascaínos contando com a vantagem do empate. O grande personagem da partida, escolhido o melhor homem em campo, havia sido um jovem de 21 anos que seguramente tinha entrado numa das maiores fogueiras do futebol: virar o goleiro titular do Fluminense numa decisão. Valdinei Cunha, o Nei, tinha defendido tudo em campo e só levou o gol de honra vascaíno porque foi empurrado na jogada de cobrança de escanteio que levou ao tento. Teve seu nome gritado pela torcida, foi ovacionado no vestiário emocionado e o Flu repetiu seu velho estilo de desafiar definições – dias antes, uma

matéria de jornal dava o título vascaíno como certo naquele domingo. Humilde, o jovem goleiro fez questão de homenagear o ex-titular e amigo Ricardo Pinto: “Dedico a ele minha boa atuação. O Ricardo é um grande cara, me deu força na concentração. Pena estar passando por um momento difícil. Tudo o que sei aprendi com ele”.

No dia 16 de junho, o Vasco se consagraria como bicampeão carioca, numa partida amarrada pela arbitragem vacilante de Daniel Pomeroy, além da catimba vascaína com muitas faltas, com mais de 80 mil pessoas presentes ao Maracanã. O craque Bismark ainda perdeu um pênalti. O Flu teve a bola nos pés durante boa parte do segundo tempo, mas não teve a força necessária para vencer a partida. Se não foi possível o título, o vice-campeão mostrou muita dignidade depois de estar ferido de morte, diante do trauma da primeira partida, e o principal responsável pela serenidade nas duas partidas em que jogou foi o jovem Nei, que não manteria a titularidade no ano seguinte, quando surgiu Wellerson, mas que seria um respeitável campeão do centenário em 1995, integrando o elenco que obteve a maior vitória de um clube carioca sobre outro na história do Maracanã.

No prosseguimento de sua carreira, Nei conseguiu dois títulos paulistas e brasileiros jogando pelo Corinthians. Curiosamente, ele foi o substituto de um dos maiores ídolos da Fiel, o goleiro Ronaldo Giovanelli, que havia deixado o Parque São Jorge para vestir efemeramente a camisa de goleiro... do Fluminense.

O CANTO DO CISNE DE BRANCO

Um dos momentos mais difíceis para todos os torcedores do Fluminense aconteceu entre setembro e outubro de 1998, jogando pela Série B do Campeonato Brasileiro. Em má campanha num campeonato de apenas dez jogos em sua primeira fase, o Tricolor estava às portas do rebaixamento à terceira divisão. Durante a disputa, aconteceu de tudo contra o time: três gols do ABC em pleno Maracanã lotado, perder o jogo de ida para o Juventus com um gol onde a bola não entrou, ter um pênalti desmarcado enfrentando o CRB na Rua Bariri. Era o caos.

No dia 28 de setembro daquele mesmo ano, o Fluminense entrava em campo no Maracanã diante do mesmo Juventus, o Moleque Travesso da Rua Javari, e precisava da vitória a qualquer custo, de modo a tentar evitar a tragédia na última rodada diante do ABC. O Flu contava com um reforço inesperado em todos os aspectos: Branco, o eterno lateral campeão nos anos 1980, também campeão mundial em 1994 nos EUA, estava de volta para sua terceira estreia com a camisa tricolor. Na verdade, já era um ex-jogador, mas se comprometeu a ajudar o time em sua hora mais difícil. Não bastasse a questão da forma, o craque aposentado ainda

tinha um problema grave: uma fissura no tornozelo. Mas o fato é que Branco iria entrar em campo mesmo que tivesse as duas pernas amputadas, mostrando uma gratidão imensa pelo clube que lhe permitiu projeção nacional e uma longa carreira no exterior.

Os 7.154 torcedores que pagaram ingresso viram logo de cara uma superbomba de Branco, cobrando falta à esquerda do goleiro Júlio César. A seguir, o veterano ex-lateral - e então armador do meio de campo - comandou o time tricolor, que dominou a partida e marcou 1 a 0 aos 36 minutos, num raríssimo gol de cabeça do próprio Branco, que comemorou o feito de joelhos. No segundo tempo, Magno Alves fez o segundo também numa cabeçada, logo no começo, liquidando a fatura e mantendo o Tricolor vivo, ainda que respirando por aparelhos. Exausto, Branco acabou sendo substituído por Sídney. Era sua penúltima partida com a camisa do Fluminense e, bem sabemos, seu canto do cisne, mas nem por isso menos dedicado e até heroico, face às circunstâncias.

Ao término da partida, o craque não titubeou em entrevista aos repórteres: “Foi o gol mais importante da minha vida”. Infelizmente o Flu não se salvaria do seu pior momento, mas Branco fez o que poucos fariam: como um soldado desarmado diante

de um exército disposto a matá-lo, levantou a cabeça e foi à luta mesmo com uma chance em cem de sobreviver.

OS CEM DIAS DE SOUZA

O Fluminense estava a sete minutos de ganhar sua primeira Copa do Brasil, encarando o Internacional de Porto Alegre no Beira-Rio lotado, numa partida de muita pegada e luta, com forte pressão dos mandantes muito bem suportada pelo Tricolor, quando tudo desabou frente a uma das arbitragens mais desastradas da história do futebol brasileiro: o senhor José Aparecido de Oliveira marcou um pênalti extraterrestre do zagueiro tricolor Souza em cima do também defensor Pinga, que nitidamente se jogou sozinho na área. A invenção do pênalti foi tão aviltante que viraria o assunto principal do futebol nos dias seguintes à decisão, e geraria a antipatia de muitos tricolores pelo time gaúcho. Naturalmente, um lance tão confuso só poderia provocar discussões e confusões, o que aconteceu por cinco minutos. Quase acalmados os ânimos, aos 42 minutos da etapa final, o zagueiro Célio Silva cobrou a penalidade inventada no meio do gol e fez 1 a 0. Como tudo que é ruim pode piorar, José Aparecido não deu os cinco minutos de descontos, causando um verdadeiro mar de fúria entre os jogadores do Fluminense, exasperados pelo completo absurdo que servira de desfecho do jogo, o

que resultou em cenas de violência - e até selvageria - praticadas contra os jogadores tricolores.

Logo após a derrota, o vestiário do Fluminense a desolação era total e nem poderia ser diferente. Depois de anos sem título, mas sempre com a bola batendo na trave (as semifinais dos Campeonatos Brasileiros de 1988 e 1991, a final do Campeonato Carioca de 1992), era a grande chance do Flu dar um passo gigantesco na retomada de conquistas, além de conquistar uma difícil vaga para a Copa Libertadores do ano seguinte (naquele tempo não havia a moleza dos G6 e até G8 atuais). E tudo ruiu não por uma falha da equipe, mas sim pela intervenção desastrosa do árbitro.

O goleiro Jefferson estava agarrado a um exemplar da Bíblia, visivelmente emocionado. O lateral Lira sentia fortes dores abdominais depois de ter sofrido golpes de cassetete de um PM. O jovem Anderson lavava sua boca cheia de sangue, fruto de um soco que recebera de um segurança do Internacional, chamado Osmair. O meia Sérgio Manoel contou que chegou a ficar assustado, pois estava com a bola dominada para puxar um contra-ataque, quando viu que havia sido marcado o inacreditável pênalti. O experiente zagueiro Vica afirmou

que a jogada já prosseguira sem qualquer susto ou problema. De forma unânime, todos os jogadores do Fluminense afirmavam com absoluta veemência que ninguém havia sequer encostado em Pinga.

O mais revoltado de todos era o zagueiro Souza, de 27 anos, com passagem pelo Vasco. Chorava compulsivamente no vestiário, sentindo-se culpado pela barbaridade praticada por José Aparecido – afinal, a ele cabia o peso de ter “cometido o pênalti”. Desesperado, chegou a socar uma janela de vidro do vestiário, cortando o pulso e sendo tratado pelo médico do Fluminense, o Dr. Luiz Gallo. Antes que alguém pense em “vandalismo”, é bom que se diga: o mesmo vestiário era metralhado naquele momento por uma chuva de pedras atiradas por gente do Internacional.

Souza entrou em campo pelo Fluminense em doze partidas, sendo dez delas como titular, e conseguindo oito vitórias. Entre a estreia e a despedida, passaram-se cem dias. A final diante do Internacional foi a sua última partida pelo Fluminense. Sumiu. Não se sabe de outros clubes onde tenha feito sucesso a posteriori. Ele tinha a grande chance de sua carreira e ela foi implodida por terceiros, sem que ele tivesse qualquer culpa. Por ser um jogador

50

pouco badalado, ninguém na grande mídia deu importância ao seu drama pessoal.

Do lance patético que decidiu aquela Copa do Brasil, muito se fala até hoje, mas ninguém lembra o nome do zagueiro que, involuntariamente, viveu sozinho o seu papel de Barbosa em 1950. O espetacular goleiro vascaíno pode ter falhado no gol que eternizou o Maracanazzo, mas Souza certamente nada fez para ter sua carreira posta à margem das quatro linhas. Todos os tricolores perderam o título, mas ele foi a vítima fatal de uma arbitragem cruel.

PARA ABEL BRAGA

O amor é o que nos justifica estar nesta Terra de caminhos de glória e dor. E só.

Aqui, o que temos a oferecer não é a paixão de torcedores, a vibração do gol, a euforia da conquista. Não. Aqui, não basta ser torcida. É bem mais do que isso.

Abel, tua dor é nossa dor. Aqui somos amparo, abraço, compaixão, solidariedade, lágrimas, força. Pequenos soldados da vida oferecendo seus ombros a um general, porque uma batalha foi perdida.

Mas a luta continua. Ela é permanente. Ela está nos bons gestos, no sentimento, na sinceridade, no coração. Tudo aquilo que você tem oferecido ao Fluminense desde garoto, desde quando era o zagueiro que chorava nas derrotas, até o grande treinador campeão, vitorioso, dos maiores da história do nosso clube.

Aqui somos irmãos, abraçando um irmão mais velho porque perdemos um sobrinho antes do justo e razoável.

Aqui somos a gratidão.

Não tenha dúvidas: este é um dos dias mais tristes da história do Fluminense porque a tua dor é nossa dor. Mas um dos nossos poetas maiores escreveu: o sol nascerá. E com ele, virão a saudade, as melhores lembranças e o amor.

Abel Braga, teu nome é amor. Sinta-se abraçado por quem te admira, apoia, e te carrega nos ombros.

Não podemos compensar o tamanho desta dor de hoje, mas nos cabe dizer que você não é apenas o grande atleta, o grande treinador, o grande profissional. Você é o grande irmão. Por ti, estamos em lágrimas e o futebol perde o sentido.

Por ti, Abel, nunca fomos tão tricolores. Tome estas humildes palavras como um coração nas mãos em três cores de fé, humildade e eternidade.

FELIPE

Não paro de pensar desde a manhã de segunda-feira: meu querido amigo Antonio Leal (cujo CINEFOOT é uma aula de arte no Brasil e no exterior) postou no Facebook, muita gente comentou e aplaudiu a história do garoto Felipe na arquibancada do Maracanã. Portador de deficiência visual, ele teve num amigo fiel o locutor que lhe narrou todo o Fla-Flu.

Foi um gesto nobre, de amor, pureza e vida, atualmente muito longe do que se vê por aí. Algo como “Delicate sound of thunder”, o título do mitológico álbum duplo ao vivo do Pink Floyd no fim dos anos 1980. O delicado som do trovão, com a devida fina ironia. Como não reconhecer a verdadeira trovoadas sentimental que causa um jovem tricolor apaixonado, louco para ouvir o que se via no campo? E a generosidade de seu amigo? Quem tem amigos assim ao lado, só conhece a vitória.

Antonio, homem de cinema, atento aos detalhes, teve a oportunidade de ver os dois garotos em ação na arquibancada. Ele, tão acostumado a emocionar dezenas de milhares de pessoas com os frutos do seu trabalho artístico, teve a oportunidade de ser um

espectador premiado, a testemunha de uma história rara e belíssima. E depois registrou numa foto que dizia tudo.

Felipe e seu amigo me remetem a um futebol e Maracanã que eu vivi, parcialmente contado num livro meu que me enche de orgulho. Nele, eu sou um personagem garoto, navegando entre imagens e lembranças dos meus anos 1970, 80 e 90. Em certo tempo, eu ia a todos os jogos do Flu que podia, enquanto descobria que alguns dos meus heróis eram também tricolores: Chico, Tom, Hermeto, Belchior, Egberto. O meu futebol sempre se misturou com música e artes em geral, e não foi em vão: acabou de alguma forma me levando a ser um dos escritores mais publicados da história do clube. Mas tudo isso só foi possível porque eu era desde sempre um apaixonado pelo Fluminense, eu perseguia o Fluminense, a minha torcida era a mais bonita do mundo, tinha as pessoas mais legais. Hoje, a maturidade não me permite tais sonhos juvenis, mas o amor permanece intacto.

Numa arquibancada às vezes tão dividida, rancorosa e despolitizada – mas muito politqueira -, uma amizade como essa de Felipe e seu amigo é um bálsamo, uma prece, uma golfada de amor, de generosidade. Eu não estive presente ao jogo, mas queria

muito estar perto deles, conversar quando possível – sem atrapalhar a narração da partida. Seria uma forma de voltar ao meu passado, quando você via um tricolor na outra calçada e imediatamente reconhecia nele um irmão. Lamento muito por não ter ido: esses dois são o Fluminense, tudo muito longe de bravatas esquizofrênicas de 140 caracteres e discursos copy-paste, ou ainda falácia de meninos de recados. Não, não, não, mil vezes não: o Fluminense é outra coisa, é outra bossa.

Nós somos o time dos amigos arrebatadores, dos camaradas fraternos ao extremo, da camaradagem, da lucidez, das lembranças de beleza e poesia. Sempre foi assim e não tem que mudar. Se a internet tem meia dúzia de espíritos de porco fazendo óinc para os likes, azar o dela e deles. Ser tricolor é crescer na própria caminhada sem pisar em ninguém. Fidalguia é coisa nossa. Nosso hino tem a palavra “amor” como um troféu especial.

A Felipe, seu amigo e Antônio Leal, meu eterno agradecimento. Por alguns instantes, a história dos três me levou aos anos mais felizes de minha vida, quando eu tinha treze anos de idade, o mundo era um futuro inteiro e o Fluminense ainda escreveria muitas histórias bonitas, até mesmo quando

sofreu bastante – mas por pouco tempo. Afinal, quem tem cento e quinze anos de vitórias e títulos nunca há de compactuar com a tristeza. Chorei e vivi com a foto. Três amigos, dois irmãos, um amor infinito.

Logo mais tem mais. É dureza, estamos na seca, mas a fé não costuma *faiá*. Duas vitórias seguidas e as coisas se ajeitam. Vamos nessa.

NELSON RODRIGUES x STANISLAW PONTE PRETA

Os dois grandes cronistas, Nelson Rodrigues e Sérgio Porto – Stanislav Ponte Preta – combinaram de tomar um café na saída da redação. Miraram na Casa Villarino. Tudo bem que não havia qualquer vestígio de empresa jornalística das boas na região, mas hoje em dia o Uber e o bonde moderno chamado VLT resolvem quase tudo, exceto quando a gangue de pivetes vem com vinte ou trinta cabeças e polícia não há, até porque ela não está em quase nenhum lugar nessa Unidade da Federação marcada pela penúria. Antes que o mais desatento encontre estranheza nestas linhas, é importante dizer que Nelson faleceu em dezembro de 1980 e Sérgio em dezembro de 1968. A pergunta é: e daí? São dois tricolores de coração, geniais, consagrados e isso lhes basta para vivenciarem a perenidade, nem que seja nas páginas de um modesto blog de literatura que um ou outro desgraçado teima em ver como rebaixado. Foram de espírito presente, pois.

A poucos dias do fim de um ano conturbado, que poderia ter sido melhor, e termina com xingamentos e agressões verbais entre tricolores por causa da disputa eleitoral no clube, enquanto o nosso time chega às

58

estações finais sem qualquer viço, o melhor é sonhar com um reencontro de gênios para que a água pura leve as veias do Fluminense. Assim sendo, vamos ao bar.

A Casa Villarino tem boas iguarias e um sabor de antigamente. Lá, Vinicius de Moraes tocou o terror em drinques estratosféricos – e também conheceu Tom Jobim, um tricolor, numa parceria que ia dar pano para duas mil mangas. Agora o estabelecimento fecha cedo, os grandes boêmios disseram adeus, o país está em crise, as contas arrasadas, a corrupção rola solta enquanto as panelas seguem numa mudez lancinante.

Por volta de sete e meia da noite, nossos queridos espíritos chegam das redações e trocam um abraço fraterno. Nelson, com aquele olhar de realismo fantástico de sempre, que pode ser reconhecido nas fisionomias de muitos de seus familiares. Sérgio, com seu terno elegante e ar de *gallant*, homem do futebol de praia que sempre foi e também um atleta do Fluminense. Está desfraldada a mesa mais tricolor do coração do centro da cidade do Rio de Janeiro. Sentam, pedem o café ao garçom, são os únicos clientes da casa.

Conversam do Fluminense de antigamente e logo mostram certo desapontamento com a situação atual. Entretanto, não movem um milímetro na crença de que o Tricolor há de recuperar terreno em todos os campeonatos de *football* que vier a disputar. Em campo, o time vai mal das pernas. Nelson é um otimista irreversível e elegantemente não critica nenhum nome – a depender dele, até Henrique Dourado tem cura da bola. Sérgio, não: irreverente que ele só, desanda a falar das caneladas e trombadas que viu neste 2016, mesmo sem deixar de respeitar a efêmera fase de conquista da Primeira Liga.

Quando o assunto é política do clube, Nelson tem a prudência de declarar respeito a todos os candidatos à presidência, esperando que o vencedor à altura das tradições das Laranjeiras – e para ele tradição é o que viu de 1920 a 1980, sessenta anos de Fluminense no vinte, nos cigarros, nos cafés – mais um! – em bifés de sonho. Não esperem a mesma cerimônia de Stanislaw Ponte Preta em três atos. No primeiro, diz que o candidato Alfa tem um plano para as receitas do clube em três anos, no valor de um bilhão de reais – em dívidas. No segundo, pergunta se o candidato Beta não deveria concorrer à Firjan em vez do Fluminense, tamanha a quantidade de

empresas que dirige. Último ato: o Gama não era opositor do Teta? A única coisa valorosa no homem é a contradição, diria Enrico Bianco.

Em certo momento, Nelson mais escuta do que fala. Observa Sérgio como o verdadeiro showman que é, gesticulando, narrando, rindo e quase cantando. Os craques de antigamente, os jogos acolhedores em Laranjeiras e General Severiano, a imponência do Maracanã de Didi – o Príncipe Etíope –, a grande resenha Facit e as colunas imperdíveis nos grandes jornais do Rio de Janeiro, que todo mundo corria para comprar nas bancas – agora a moda é internet, blogueiros, candidatos a subcelebridades, oportunistas de plantão, papagaios de pirata e outras tralhas humanas não relacionadas. O nobre discípulo aborda o mestre e pergunta “Vamos escrever num blog?”. A resposta é direta: “Cito Umberto Eco: ‘Normalmente, eles (os imbecis) eram imediatamente calados, mas agora eles têm o mesmo direito à palavra de um Prêmio Nobel’. E mais: ‘O drama da Internet é que ela promoveu o idiota da aldeia à condição de portador da verdade’.

Três xícaras para cada um, os sorrisos, alguma melancolia e a sentença final cabe ao maior dramaturgo brasileiro de todos os tempos. Sérgio recorda que falaram

basicamente de futebol, de recordações e de tempos inesquecíveis, mas, ao mesmo tempo em que ainda respiram seus dias de glórias, os dois gênios são afetados por esta vida carioca de hoje, ofegante, com a violência em obesidade mórbida, o ódio pelas ruas, a selvageria que vai das palafitas às luxuosas coberturas da orla carioca, de onde se pode ver belas mulheres que, um dia, suspiravam ao posto de uma das “Certinhas do Lalau”:

“Meu nobre Nelson Rodrigues, o que é o ser humano nesta terra de litorais, pontais, solidão e hipocrisia únicas?”

“O ser humano é o único que se falsifica. Um tigre há de ser tigre eternamente. Um leão há de preservar, até morrer, o seu nobilíssimo rugido. E assim o sapo nasce sapo e como tal envelhece e fenece. Nunca vi um marreco que virasse outra coisa. Mas o ser humano pode, sim, desumanizar-se. Ele se falsifica e, ao mesmo tempo, falsifica o mundo.”

“É, meu caro Nelson, éramos mais unidos aos domingos.”

Trocam um abraço fraterno, sorriem, Nelson fica de realizar uma adaptação de texto para o teatro do inesquecível “Febeapá”. Sérgio reitera o convite para um blog. Novo

abraço, gargalhadas mútuas e, perto das 21 horas, fecham a conta para deixarem a Casa Villarino. Curiosamente, desta vez os arredores não estão sofrendo nenhum arrastão, não há gente sofrida debaixo das marquises, não há sequer pessoas na rua ou um carro que passe. Parece outro tempo, com tempero de outrora, antigamente demais. Outro Rio.

Uma coisa estranha e francamente atual: ao trazer a conta, o garçom não tem a menor ideia de quem são seus clientes. À primeira e última vistas, o que lhe parece é uma dupla de advogados ou empresários com escritório de nome pomposo da região. Não chegam a ser próceres da diplomacia estadunidense, vizinha da Villarino.

Olham um para o outro, pensam em tudo o que viveram e testemunharam, reconhecem no Fluminense o grande laço que os une. Contemplam o passado. O passado. Ficam de marcar uma nova prosa, sem data definida. Sérgio insiste: “Não esqueça do nosso FEBEAPÁ, Nelson!”

Deixado o bar imortal, eles tomam a Avenida Calógeras em caminhada sóbria, em calçadas diferentes e, aos poucos, desaparecem no horizonte destas últimas linhas, porque o caminho à eternidade ainda

leva pelo menos uma hora depois do embarque no Metrô Cinelândia, seja lá qual for a direção – exceto no Metrô Barra que, como todos sabem, cerra suas portas mais cedo.

A MÁQUINA

A cada efeméride, o time mais famoso e popular da história do Fluminense alimenta debates. Primeiro, por conta da imprensa esportiva, que tende a minimizá-lo por questões de interesse comercial do patronato. Segundo, porque alguns torcedores acabam – ingenuamente, ressalte-se – comprando a tese de fracasso de uma equipe sem “grandes conquistas nacionais”. Terceiro, por conta de sua efêmera duração. Todos esses três pontos geralmente carecem de embasamento histórico, e um quarto define bem o espírito da coisa.

A diminuição por parte da imprensa, tradicionalmente severa com o Fluminense, é mais motivo para orgulho do que qualquer outra coisa.

A tese de fracasso não se sustenta. Por três anos, o Fluminense viveu repercussão nacional e internacional como nunca em sua história – nem quando tinha sido campeão mundial em 1952. Em campo, estava a Seleção Brasileira vestida com as três cores do nosso amor. Alguns dos maiores craques da história do clube – à época, já com mais de 70 anos de fundação – atuaram juntos em campo. Em meados dos anos 1970, o

campeonato carioca era a competição mais importante do país. E, apenas para efeito de breve comparação, o Botafogo de Garrincha, Didi, Paulo Valentim e outros no auge também não conquistou Brasileiro, Libertadores, Mundial e nem por isso deixou de conquistar a merecida imortalidade midiática. Alguém desfez do fantástico Cruzeiro dos anos 1960 por não ter conseguido a Libertadores ou o Mundial? Façam-me o favor...

A respeito do suposto brilho efêmero: naquele tempo, o futebol não dispunha de generosas cotas de TV, patrocinadores, grupos de investidores, absolutamente nada que não fosse a receita de bilheteria. Durante dois anos, o Flu teve um time dos sonhos – e não é à toa que lá tenha registrado a melhor média de público de toda a sua história, com cerca de 45 mil pagantes por jogo.

Perdemos duas semifinais de brasileiros. Uma para o Inter, outro timaço e que, para muitos, era simplesmente o maior time do planeta em 1975 (que também não ganhou Libertadores nem Mundial...). E a outra para o valente e respeitável Corinthians, nos pênaltis, num confronto que, se fosse repetido outras nove vezes, ganharíamos todas.

Goleadas fantásticas, craques imortais, festa diária, euforia, alegria, união, o maior estádio do mundo em êxtase. Respeito internacional, conquista de torneios no exterior, aplausos, confiança, positivismo. Muitas crianças se apaixonaram para sempre pelo Fluminense naqueles tempos e estão até hoje forjando nossa torcida.

De onda, o Fluminense simplesmente bateu num amistoso o Bayern no Maracanã, com mais de 100 mil presentes, e com direito a... gol contra de simplesmente Gerd Muller, então o maior artilheiro da história das Copas do Mundo. O Bayern era a base da Alemanha campeã mundial de 1974, e seria campeão mundial interclubes em 1977.

Hoje é dia de festa. Recordar que o Rio de Janeiro e o Brasil pararam com aquele gol de nuca-cabeça de Narciso Doval, garantindo o bicampeonato carioca ao Fluzão sobre o Vasco com um Maracanã emocionante e abarrotado. Que o monstruoso Carlos Alberto Torres chorou copiosamente ao término da decisão, dedicando o título ao filho Carlos Alexandre, futuro craque do nosso time. De Rivellino comemorando que nem criança. Do jovem e seguro Edinho, que seguiria como um dos nossos maiores craques. Do herói Rubens Galaxe, já acostumado a tantos títulos e que

ainda ficaria para contar a linda história de 1980.

Rivellino, Edinho, Carlos Alberto Torres, Doval. Aí você pensa em outras feras como Rodrigues Neto, Cléber, Pintinho, Renato, Dirceu, Mário Sérgio, Manfrini, Paulo César Caju, Rodrigues Neto, Zé Roberto, Cafuringa, Gil, Zé Mário, Marco Antônio, Toninho e mais uma multidão de craques. É difícil acreditar que tantos talentos tenham atuado juntos em menos de dois anos. Quando a Máquina acabou por força da grana, em 1977 ela tinha “apenas” Rivellino, Pintinho, Cléber, Marinho Chagas, Doval, Edinho, Renato, Wendell e Dirceu Lopes.

O quarto ponto: quarenta anos depois, o legado do eterno presidente Horta ainda ruge como nunca: “Ah, a Máquina, a Máquina... Mistura de sonho e realidade. Poesia de futebol, encanto e carnaval”. Quem souber de outro time “sem conquistas” tão falado e admirado, favor informar a esta redação.

O sonho de quarenta anos atrás é uma realidade permanente. Quem viu, viu; quem não viu, que aprenda e aplauda.

OS CAMPEÕES DE 2007

Tudo começou na quarta-feira anterior. Levamos um golaço do Figueirense a menos de quinze minutos no fim. Uma patada no ângulo direito, a ponto de absolver Fernando Henrique – justiça seja feita, no auge da carreira. Mas o Fluminense é o time do último segundo e, no finzinho, lá vai o heroico Adriano Magrão a empatar o jogo com 70 mil tricolores gritando, chorando e pulsando. No entanto, depois do fim do jogo a nossa torcida começou a sair do estádio em certo silêncio, dado o regulamento da competição. Eu não: achei que, se o Flu tinha conseguido superar aquela adversidade dentro de casa, tinha renovado forças para decidir fora.

Na manhã do domingo seguinte resolvi ver o treino nas Laranjeiras. A arquibancada superior ainda permitia acesso, voltei a ser um garoto de dez anos quando via Edinho cobrar 5.684 faltas até escurecer. Renato chamou o time e falou. Em seguida, tirou a camisa e a amarrou na cabeça. Golzinho montado, o velho herói de 1995 fez alguns gols, correu para a torcida, teve seu nome gritado. É, não era um treino, mas me deu confiança, não perguntem a razão porque ela não existiu.

Caminhei mais para o lado da Pinheiro Machado. Na trave paralela à lateral, aí sim Fernando Henrique treinava mesmo. Dez, vinte, cinquenta, cento e vinte chutes. Pegou tudo. Fiquei atônito: “Será que vai dar certo?”. Ia, sim.

Marquei com o Tiba de vermos a decisão na Estrela do Sul da Praia de Botafogo. Casa cheia, praticamente uma sucursal da nossa arquibancada. Tinha até pó de arroz. Tudo foi diferente: desta vez marcamos o gol cedo, muito cedo, com o imortal Roger. Depois, aguentamos uma pressão danada e também perdemos a chance de ampliar o marcador. Fernando Henrique pegou tudo.

Num momento do segundo tempo, Deley, o craque, sorvia um drinque. Na TV, alguém do Flu simulou um lançamento. Gritei: “ACERTA ESSA, DELEY!”. Cinco segundos de risos, a fera respondeu: “Essa não deu pra mim”. Estávamos tensos e confiantes. Deu tudo certo: o Fluminense voltou a conquistar um título nacional. A churrascaria virou uma procissão a pé até Laranjeiras. Encontrei minha amiga Luisa Sussekind. O Tiba vibrava por todos os cantos. A rua foi interditada.

No dia seguinte lotamos o Aeroporto Santos Dumont. Eu mesmo tirei uma foto. Renato, fanfarrão que ele só, com seu indefectível par de óculos escuros, a multidão de três cores varrendo o aeroporto, o Rio em festa. Tivemos o grande chope em Laranjeiras numa festa que varou a tarde e noite. Jorge Pinto era felicidade plena, o Leo também. Depois, ainda viveríamos infernos e céus como somente nós somos capazes de navegar. Cinco ou seis anos épicos do Fluminense começaram com aquele toque do Magrão no Maracanã, avançaram com o passe fantástico que ele deu para Roger sacramentar o título de 2007 e estão por aí até hoje.

O futebol é um segundo entre a fé, a glória, o drama e a história.

TEMPOS DE EDINHO

Há muito tempo atrás, na minha tenra infância, não havia um garoto tricolor da minha idade que não fosse absolutamente louco pelo zagueiro Edinho. Quase diariamente, após os treinos nas Laranjeiras, vinha ele com a bola e um goleiro – ou outro jogador – para treinar cobranças de falta. Cem, em média, ou quase isso. Os chutes só paravam quando o céu de Álvaro Chaves escurecia por completo. Aqui não falo por ouvir dizer ou copiar alfarrábios: sou testemunha ocular.

Importante: não confundir Edinho, Edino Nazareth Filho, personagem desta coluna, com seu homônimo, o volante (e também zagueiro) Edimo Ferreira Campos, grande campeão carioca e brasileiro em 2012.

Consagrado na Máquina aos 20 anos de idade (tendo chegado à base do Flu em 1969), herói solitário entre 1978 e 1979, fera da Seleção Brasileira – quando isso realmente era tudo - talentosíssimo, dotado de um preparo físico invejável, Edinho liderou o jovem time tricolor campeão de 1980 e trouxe milhares de torcedores aos jogos só para vê-lo.

Suas arrancadas eram famosas: com grande velocidade, trazia a bola da defesa para o ataque, muitas vezes passando ou chutando a gol.

Um exímio cobrador de faltas e cabeceador. Certamente está na lista seletíssima dos zagueiros tricolores que marcaram três gols em um jogo – mais de uma vez, assim como pertence ao *pantheon* dos defensores artilheiros da história do clube.

Era tão bom jogador que nem o fracasso da Seleção na Copa de 1982 – onde ele deveria ter sido o titular da quarta-zaga – impediu sua imediata transferência para o futebol italiano. E se você vem com aquela velha história de que Edinho traiu o Fluminense por jogar na Gávea em 1987, é bom pesquisar a respeito e constatar que a culpa disso, para variar, foi dos dirigentes tricolores.

Ao primeiro sinal, Edinho voltou. Ficaria mais um ano e meio, novamente liderando um Flu em reconstrução às semifinais da Copa União. Sua despedida se deu em circunstâncias adversas: ao levamos uma goleada do Flamengo por 4 a 0, o clima ferveu e um obscuro cartola, rasgando a história do clube, gritou no vestiário que

Edinho tinha se vendido para o rival. Um poderoso soco na cara selou a rescisão contratual dias depois. Então o zagueiro foi para o Grêmio, tornou-se o capitão do time gaúcho e ganhou a primeira Copa do Brasil da história.

Sempre foi um profissional absoluto dentro das quatro linhas. Chegava a ser chato, para não dizer insuportável (mas não no mau sentido): reclamava de dirigentes, jogadores, árbitros, treinadores, torcedores, reivindicava salários atrasados em público, cobrava por reforços. Diariamente. Qualquer empate era o fim do mundo para ele. Derrota era sinal de Terceira Guerra Mundial. Se dependesse do zagueiro, o Tricolor teria vencido todos os jogos entre 1975 e 1982 por goleada, sem sofrer gols.

Dois anos depois de deixar as Laranjeiras como jogador, Edinho tornou-se treinador do Fluminense. Com altos e baixos, conduziu dois times modestos à disputa de títulos estaduais, sendo devidamente garfados nas finais de 1991 e 1993 – aliás, a história de que o Flu daqueles tempos era apenas uma desgraça em campo parece aquela falácia da manga com leite e fica para outra coluna. Em sua última passagem, terminada com rugas pela contratação do veterano lateral Nonato, cunhou uma frase que ficou

famosa: “Jogador que é reserva em outro time não pode ser titular do Fluminense”.

Edinho nunca foi um amor de pessoa e, como filho de Deus, sujeitou-se a pecados. Mas, sinceramente, aliando garra e talento dentro do gramado, limitando-me a esta seara, em quarenta anos eu vi três: ele, Romerito e Conca, sendo que o zagueiro era o mais técnico deste rol.

Comumente é mencionado como defensor titular em efemérides que tentam apontar o melhor Fluminense de todos os tempos, onde nomes como Pinheiro, Ricardo Gomes e Thiago Silva, entre muitos outros, são menções permanentes.

Em tempos onde as redes sociais navegam em mares de ódio e fornecem espuma de sangue a brilhar, volta e meia fico sabendo das campanhas pelo assassinato de Edinho, agora comentarista na TV, acusado de “secar o Fluminense”, “não ser tricolor” e outros tiros n’água. Ele torce contra, ele é safado, ele odeia o Flu. Nessas horas penso que, em tempos de Google, pesquisar um sujeito antes de xingá-lo pode ser um bom negócio.

Edinho é ranzinza na TV. Ele não é pago para ser torcedor do Fluminense, como

alguns gostariam, e nem é dono da verdade, mas mantém a coerência desde o tempo em que se consagrou como um dos maiores jogadores da história do nosso clube, queiram ou não – e resmungua em todos os jogos, não somente os nossos. Mas se o comentarista desagrada boa parte do eleitorado, muitos quarentões tricolores de agora ainda sonham com aqueles gols, jogadas, momentos e a atitude de respeitar a camisa tricolor a cada segundo. Para outros, geralmente alheios às memórias ou por não terem vivido os anos 1970 e 1980, o grande ídolo não passa de um desgraçado do inferno.

Melhor abrir o olho, Fred. Todo mundo tem passado e o brasileiro médio troca cem acertos por qualquer erro relevante, quanto mais vários.

O FLUMINENSE, RAPAÇ

Eu entendi o que era o escudo do Fluminense em 1975, quando ganhei um time de botões da marca Cracks da Pelota, presenteado pelo meu pai. Ainda sou capaz de recordar o momento em que abri a caixinha de papelão e tirei o papel com os escudos para colocar nos botões de plástico, todos transparentes.

A mistura das três cores com o formato do nosso escudo foi para mim a descoberta de um novo mundo. Isso faz mais de quarenta e dois anos e eu ainda persigo aquela beleza de imagem, seja no campo, na arquibancada, no botequim, em casa, na TV, em qualquer lugar. E bem antes de mim, o espetacular Gilberto Gil me contou que sua paixão pelo Fluminense começou pelo formato do escudo, lá pelos anos 1950, a heráldica o encantava. Logo, o mesmo deve ter acontecido com inúmeros outros garotos pelo mundo afora.

De lá para cá, foram milhares de gols, jogos, alegrias, tristezas, encontros, despedidas, sentimentos diferentes, realizações, dramas.

Afinal, o que é torcer pelo Fluminense? O que é ser tricolor? Quem define isso?

Ninguém.

Lembrando um grande filme, “A pessoa é para o que nasce”.

Dotado de uma história secular, um verdadeiro livro com dezenas de milhares de páginas dos seus dias, o Fluminense não tem uma fórmula pronta.

É claro que todos os tricolores querem ver o nosso time sadio, vencedor, impávido colosso frente ao destino da eternidade, mas existe a diferença entre a realidade e a utopia, bem como entre a lucidez e a falácia oca.

Torcer é bem mais do que vencer, por mais que este seja o grande objetivo. Torcer é conviver, apoiar, protestar, elogiar, criticar, acontecer, viver! E saber separar o joio do trigo com respeito ao próximo. Quem não conhece esta minúscula regra, aí sim pode ser considerado alguém razoavelmente menor em se tratando de Fluminense.

Somos um dos maiores times do mundo, o escrete que forjou o berço esplêndido da Seleção Brasileira, inventamos o Fla-Flu, o Campeonato Carioca, as torcedoras e muito mais. Temos um passado a zelar e um presente a ser permanentemente construído. Afinal, se somos todos

Fluminense, qual o sentido de brigas entre nós? Nenhum, principalmente quando o caso for de vantagem pessoal e, assim sendo, a referida pessoa merece silêncio e desprezo.

Cada um de nós, a seu modo, vive um Fluminense. Carrega em si uma lembrança, um sentimento, um desejo, algo que talvez não tenha sido compartilhado com mais ninguém, ainda que muitas vezes nos esbaldemos juntos na mesma arquibancada. Um jogador, uma jogada, uma bandeira, um pacote de pó de arroz arremessado, uma bela torcedora, um jovem craque da preliminar. Tudo isso compõe uma absoluta riqueza capaz de acentuar a dedicação dos nossos corações ao Fluminense.

Torcer pelo clube significa torcer pelo sucesso de suas administrações, sua saúde financeira e outros itens correlatos, ok. Mas é bom que se diga: o Fluminense não é um banco, uma empresa ou equivalente, mas um clube e um time de futebol. É muito diferente, tem suas peculiaridades, suas nuances. Ok, o torcedor tem direito a espernear e a viver num mundo de superlativos, enquanto o cartola precisa de ponderação e pés no chão; contudo, o fundamental é ele, cartola, não se esquecer de que também é um torcedor – ou, ao menos, deveria sê-lo.

Nestes dias de 2017, o Fluminense vive uma crise por dia, a começar pela inexperiência de um time muito jovem, sem peças de reposição de acordo com a aridez do caixa.

Ainda por conta das eleições tricolores do ano passado, indivíduos e grupos inconformados com o resultado daquele pleito incendeiam 24 horas por dia a internet relacionada ao Flu. Não deixa de ser curioso perceber que muitos destes belicosos militantes virtuais estavam outro dia no que se chama de situação, ou gestão, do clube. Outros procuram apenas a autopromoção barata, numa espécie de pré-candidatura para cargos ou empregos nas Laranjeiras. E mais outros apenas reproduzem dentro das três cores que está varrendo o Brasil do mapa mundial, sem a menor consciência de que, seja quem for que dirija o Fluminense, quando ele vence somos nós os beneficiados e, na derrota, os principais prejudicados, não no bolso, mas no coração.

O ódio chegou a tal ponto que muitos tricolores simplesmente deixaram de utilizar a internet, e especialmente as redes sociais, tamanho o cansaço diante de mentiras, agressões verbais, calúnias e outros gestos de covardia que só podem acontecer com a proteção do virtual. Além de criar estúpidas

correntes de cólera entre pessoas que deveriam trocar abraços ao se encontrarem no estádio, pior ainda é saber que este mesmo estádio é também prejudicado, já que outra parte se cansa até de frequentar as partidas. Só o Fluminense perde com isso. Só o Fluminense perde com isso. Só o Fluminense perde com isso!

Quem ganha?

Aos ainda desatentos com tais práticas maléficas, convém acordar a tempo.

Hoje passamos uma fase muito difícil e que precisa ser superada já. A torcida pode empurrar o time e tentar salvá-lo de um mal grave. Depois vota em 2019 em quem quiser e pronto.

Ao escolher os nomes que alimentaram as páginas deste livro, fiz diversos recortes na minha vida de torcedor. Falar dos títulos, gols e conquistas é algo que soaria o óbvio, e então fui por outros caminhos. O Fluminense está em minha vida muito além dos seus jogos e conquistas. Então busquei situações que podem parecer inusitadas para os que apreciam a literatura convencional de futebol, mas que são absolutamente normais para quem curte ler, viajar e refletir sobre o nosso time, e que ele

está em todos os lugares, seja na cadeira de rodas de um senhor amputado, seja num encontro em pleno velório, seja em jogadores muito pouco lembrados, seja em memórias afetivas diversas.

Afeto.

Era o que eu queria trazer aqui.

Cansado por demais dessa batalha absolutamente inglória e idiota pelo “poder” do clube, seja o próprio como os periféricos, resolvi me divertir dividindo com vocês estes pequenos causos aqui publicados.

Que cada um persiga o Fluminense do seu jeito, pelos melhores caminhos, mas não deixando de lado o afeto, a empatia, o respeito, a amabilidade. Cada um de nós tem uma missão na Terra e, se o Fluminense nos juntou a todos, deve fazer algum sentido – que de forma alguma pode rimar com ódio, maledicências, covardias, picuinhas e prepotências que só cabem em personalidades pueris.

O que é o Fluminense, rapaz?

Sonho, delírio, fé, fidalguia, amizade, carinho, dedicação, respeito, comemoração, vivência, amparo, seja na vitória ou na derrota, nos melhores e piores momentos,

82

quando tudo parece perdido ou quando o triunfo tem cara de certeza.

O Fluminense é o sonho, é a lira do delírio, é o desafiador de definições, a perfeita máquina utópica, a mosca na sopa, o especialista em colocar água no chope dos outros ou de calar as certezas alheias.

Quem mais carrega a palavra “amor” em seu hino por aqui?

Os três Fla-Flus estão a caminho. Estamos sob intenso perigo constante e ameaça. É hora de sacar da caixinha de papelão todos aqueles maravilhosos escudinhos, e colá-los para sempre nos botões que estão guardados no fundo do coração.

O que é o Fluminense, rapaz?

Uma bandeira de esperança tremulando em meio a uma maravilhosa nuvem de pó de arroz, densa, fascinante, sugerindo que estamos cortando os céus.

Três cores para semear amor, jamais o contrário.

O ESPÍRITO DE WALDO

I

É impossível não chorar a morte de Waldo. Por ser o artilheiro que foi, pelas trilhas que abriu para o Fluminense e pelo que significou para Helio Andel, meu pai, meu mentor tricolor. Ele viu Waldo jogar dos 12 aos 19 anos de idade, o maior ardor da paixão para um menino torcedor, e nunca mais o esqueceu. Vinte anos depois da despedida de Waldo, os olhos de Helio brilhavam como se estivesse de volta à juventude. O gol na pelada de rua trazia à tona o artilheiro do Fluminense. O jogo de botão à mesa. O futebol de preguinhos na mesinha. Por muitos anos, Waldo e o gol do Tricolor foram sinônimos absolutos. Que garoto passaria imune a isso?

Embora já tivesse ido ao Maracanã em 1974 e visto alguns espetáculos da Máquina, meu marco de torcedor é 1978. Dez anos depois do AI-5, vinte anos depois do imortal ano de 1958. Meu pai me puxava pela mão. Quase sempre comprava algo para mim que remetesse ao Fluminense, fato ainda mais importante porque vivia um momento de penúria financeira: um chaveiro com o escudo, uma bandeira tricolor de mão, um time de botão barato. E falava de seus heróis: Castilho, Pinheiro, Didi, Telê, Escurinho, mas nenhum deles mais do que Waldo.

Para meu pai, Waldo era capaz de tudo pelo gol: derrubar a trave, o time adversário inteiro, tirar o campo do chão e incliná-lo para que a bola fosse em direção à rede. Brincadeiras à parte, ele queria demonstrar como seu artilheiro predileto era um verdadeiro obcecado pelo gol. E tinha toda razão: desde criança eu tenho ouvido o relato dos torcedores de mais idade com a admiração plena por Waldo. Com o camisa 9, o Fluminense ganhou dois torneios Rio-São Paulo, que eram os campeonatos brasileiros da época.

Passei a vida inteira admirando um jogador que era muito importante, mas que eu nunca tinha visto a não ser em fotos. Quase não havia imagens em movimento dos jogos dos anos 1950. E Waldo, que depois foi jogar na Espanha, virou ídolo do Valencia e, ao encerrar a carreira, ficou por lá mesmo, o que só aumentava a curiosidade por sua figura, cada vez mais a de uma lenda.

É impressionante que, na hora exata da morte de Waldo na Espanha, eu estivesse falando sobre ele com Maurício Gouvêa no Sebo X, enquanto olhávamos LPs e a pauta era sobre os números de Fred, outro grande artilheiro tricolor. Em algum momento lembramos que Waldo tinha feito mais de cem gols além do atual atacante cruzeirense, além de ter batido três ou quatro pênaltis: Fred bateu mais de 40.

II

Depois de me despedir de Silvio, peguei o 433 na Mem de Sá. Dali para o Maracanã seria coisa de meia hora com calma, numa terça-feira chuvosa e de ruas vazias. Logo consigo um lugar no último banco à esquerda.

Pela janela, aprecio vistas familiares: o Sambódromo, o velho Estácio, o largo imortalizado por Luiz Melodia. Ao mesmo tempo, volto à infância e fico torcendo para que tricolores e tricolores passem pela roleta, o que só acontecerá duas vezes até que venha a última curva à esquerda e eu finalmente veja o que sobrou do Maracanã: a inesquecível fachada de um estádio mitológico, hoje substituído por outro, mais rico, luxuoso mas sem vida, ao menos aquela que todos aprendemos a amar por mais de meio século.

Em algum momento da minha infância ilusória, meu pai está a meu lado, bem maior do que eu, falando com encantamento do Fluminense dos anos 1950 e 1960, 1970 - ele viu tudo! Sou capaz de ouvir sua voz em tom baixo e seu olhar tristonho em pleno discurso apaixonado pelo futebol de Escurinho, Maurinho, Altair, Telê e Waldo. Waldo. Pela primeira vez na minha vida, aos 50 anos de idade, o maior de todos os artilheiros é definitivamente uma lenda. Pela primeira vez, vou a um jogo do Fluminense com o maior de seus artilheiros morto.

Depois do São Carlos, da verdadeira rua Marielle Franco e da praça Afonso Pena, vem a primeira curva à direita. Professor Gabizo, uma reta que terminará perto do destino. O ônibus tem vários bancos vazios. Dois tricolores uniformizados espiam seus celulares enquanto os fones inundam seus ouvidos.

Fim de trajeto. Maracanã. Bellini. Eu não sou mais criança, mas o Fluminense é muito importante para mim. Rapidamente estou na fila de acesso para as roletas. Queria tanto o meu pai nos degraus da entrada do Maracanã, do jeito que ficávamos quando eu era um garoto e chegávamos cedo, cedo demais para entrar no estádio. Ele não está lá, ou talvez esteja a caminhar com o espírito de Waldo. Eu não sei as respostas, apenas sinto saudades.

III

Entro no ex-Maraca e vou para a lanchonete: dois cachorros quentes Geneal, uma Coca-Cola, uma saudade enorme do balcão escuro do velho botequim onde só tinha misto frio e batatinha frita Guri. E os homens de branco com capacete que vendiam refrigerante nas arquibancadas e pareciam astronautas, encantando a todas as crianças?

Encontro meu amigo Lenyr na última entrada à direita da Leste. Tudo vazio. Leo Prazeres vem logo depois. Somos de três gerações diferentes, unidas pelo amor ao

Fluminense. É um jogo contra o Antofagasta do Chile.

Waldo está nas fitas pretas nas mangas da camisa das três cores imortais. No minuto silencioso, talvez. Mas tudo é pouco diante do tamanho e da presença do maior de todos os artilheiros do Fluminense, agora morto em outro continente, agora impregnando as veias e ossos de um Maracanã que já não existe mais, que é super outro, super outra coisa mas, mesmo assim, ainda arrebatava os corações de todos aqueles que, por pouco mais de duas horas, voltam a ser meninos com pequenos olhos esbugalhados à procura da bola, do gol, do Fluminense.

IV

O jogo não foi o merecido réquiem de Waldo. Um empate inosso contra o time chileno, apesar das chances desperdiçadas pelo Tricolor e pela ótima atuação do goleiro adversário. É claro que queremos vencer sempre, mas nenhum resultado naquela noite aliviaria a dor da ausência definitiva do maior camisa 9 da história do Fluminense.

A saída foi tranquila. Insatisfeita, mas silenciosa até demais. Temos chance de reverter o resultado no Chile, mas aquele silêncio não é só do jogo. É de um velório no outro continente.

Abracei Lenyr e me despedi. Tomei o táxi e deixei Leo em casa antes de descer toda a Rua São Francisco Xavier, espiando dramas e enxergando o que já é distante. Garotos em leito de morte do crack a cem metros da querida UERJ. O taxista comentando os inúmeros assaltos na região. O ponto de ônibus quase deserto perto da rua de Martha, tão linda e longe. Alguns tricolores nos arredores, mais à frente Claudio Kote caminhando com sua camisa grená. Eu procuro pela mão de meu pai em vão, mas escuto as falas de quarenta anos atrás e sinto como ele e Waldo estão presentes demais, de alguma forma que não sei explicar.

O táxi vira à esquerda na Haddock Lobo. O motorista fala algo que pode ser divertido e até sorriu, mas tudo o que me resta é um mar de saudade.

SOBRE O AUTOR

Paulo-Roberto Andel é autor/coautor de catorze livros sobre o Fluminense, dentre eles “Do inferno ao céu: a história de um time de guerreiros”, “Pagar o quê: respostas à maior bravata da história do futebol brasileiro”, “O Fluminense que eu vivi”, “O Fluminense na estrada” e outros. Também é coautor de “2014: o espírito da Copa”, além de autor dos dois volumes de “Cenas do Centro do Rio” e diversos outros livros.

Escreve regularmente no blog *otraspalabras!*, sobre literatura e poesia. É editor do blog Panorama Tricolor, uma das referências de literatura de futebol do clube e do Brasil, cuja produção coletiva já ultrapassou o total de 10.000 páginas publicadas e 8.000.000 de visitas.

**VILA
REI**



Esta obra foi produzida entre os dias 25 de setembro e 10 de outubro de 2017, depois complementada em março de 2019, com fonte Bookman Old Style. A versão digital teve sua primeira edição distribuída de graça, visando chegar aos tricolores que, por diversos motivos, possuem dificuldades de aquisição.

Por ocasião da inauguração da Sala de Leitura do Fluminense F. C., a editora e o autor resolveram editar a obra para versão impressa, promovendo o aumento do acervo disponível no clube para os leitores.